



2 de Novembro a 19 de Dezembro

# ARTUR BUAL

*exposição retrospectiva*

<<<

Obra da capa  
artwork on the  
front page:

**Sem título**  
técnica mista  
s/ tela  
**Untitled**  
mixed media  
on canvas  
71x100cm  
circa 1980  
AB43



**Sem título** Óleo sobre tela **Untitled** Oil on canvas 73x100cm circa 1960 AB43

## Entre fronteiras do gestual/figurativo

Para escrever sobre o artista e a obra de um pintor como Bual temos que regressar aos anos 50, era ele então funcionário na Junta de Colonização Interna em Lisboa. Na altura em que o conheci partilhamos inúmeras experiências com outros artistas como Francisco Relógio, que organizava exposições pela província, e o Mário Cesariny, entre outros.

Ao longo da minha vida, conheci muitos pintores de todas as correntes e escolas. Lembro-me dos surrealistas, o chamado Grupo do Gelo que frequentavam a Brasileira do Chiado onde trocávamos experiências. O Bual era um desses artistas. Extrovertido, figura simples sem qualquer outra intenção senão partilhar esteticamente com os outros aquilo que mais gostava de fazer - pintar. Nessa altura era eu professor na António Arroio. As nossas obras eram vendidas a preços muito baixos, embora muitos outros artistas vivessem em piores condições económicas que nós, pois não tinham o apoio económico de um trabalho certo como o nosso. Estávamos num País deprimido com o antigo regime.

Encontravam-nos na Brasileira, discutíamos acaloradamente a arte, numa Nação isolada da Europa, como um convento afastado pela estrutura oficial. Lembro-me quando alguém ia a Paris. Quando regressava, havia uma avidez em saber o que se passava lá fora, as novidades e as actualizações. Estávamos no princípio dos anos 50. Depois começaram, a nascer movimentos contra o regime, greves de estudantes, algumas manifestações políticas com que o Bual muitas vezes se identificava. Mais tarde, quando recebe a bolsa da Gulbenkian, o Bual rumo até Paris, a que se segue a aprendizagem inerente da arte naquela capital da cultura. Aí nasce na sua pintura, a influência dos expressionistas alemães, patentes nos museus de Paris, vincando para sempre o percurso na sua obra, com força da cor desse expressionismo.

Antes, Bual era um pintor surdo de cores neutras, muito apagadas, como alguém que se sentia esmagado sem conseguir revelar o seu real valor. Foi em 1957/59, época muito importante em que a minha relação de amizade pessoal com um colega como o Bual mais se solidificou. Saliente no Bual o seu carácter forte, franco e leal, sempre pronto a ajudar um amigo.

O quadro premiado "A Fuga" transforma-o numa espécie de psicanálise fazendo-o surgir com toda a sua capacidade. No fim dos anos 60 e princípios de 70, Bual pinta os grandes quadros dos retratos, da sua força criativa em que aparece como o pintor do espaço e do gesto, revelador da sua originalidade. Nessa altura havia uma tendência de se arrumar os

pintores numa "gaveta", dando-lhe os rótulos de acordo com os mais diversos interesses. Pelo facto do Bual não se conseguir arrumar em nenhuma "gaveta", tornou-se de certa maneira, numa personalidade incômoda, criando alguma agressividade e incompreensão quer para ele quer para outros artistas que não fossem facilmente arrumados.

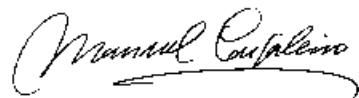
Portugal, sem grandes tradições na pintura, consegue no século XX e em especial nos anos 60/70 manifestar uma força criativa, através de Sonia Delaunay, de Vieira da Silva e de Eduardo Viana, entre tantos outros portugueses conhecidos na Europa, numa explosão de arte, nunca antes conseguida, em que cada um se transformou numa espécie de fenômeno criativo, provando um valor universal, a este rectângulo fechado durante tanto tempo. Este período nunca foi devidamente estudado na história da Arte Moderna Portuguesa.

### Bual e o gesto

A pintura pode ser feita como reflexão. Temos como exemplo o Morandi ou o Braque. Braque dá a sensação que fez sempre o mesmo quadro, os mesmos pássaros, a mesma natureza morta, as mesmas "coisas". No entanto em retrospectivas sobressai uma profundidade e uma riqueza cromática, que é de uma criação extraordinária, prendendo-nos no mistério da pintura. No seu oposto, está o pintor que segue os ritmos e os movimentos, como se o pintor estivesse a transpor para a tela, o que o chefe de orquestra está a fazer quando dirige uma sinfonia. Há uma velocidade no gesto do maestro, quando dirige a orquestra, não existindo uma concentração, mas um movimento interior que obriga o artista a exprimir quer queira ou não, a ir com aquela velocidade, para dizer o que quer, e não aquilo que pensa, obrigando-o a fazer o gesto do seu sentir. No seu oposto está Fautrier desenhando de uma maneira muito calma "as mulheres nuas", para depois, de uma maneira brusca, modificar e trabalhar a matéria entre o abstrato e o real num gestualismo onde transparece a mulher da mesma maneira.

O grande pintor do gesto é Schneider, enquanto Bual, que nunca atinge esse abstracionismo, "o gesto levado ao extremo", tem sempre uma relação com o figurativo, tendo como exemplo o quadro "Aquilino". Este, sendo muito gestual, tem por detrás, o estático e a personalidade do próprio Aquilino. Esta obra exemplifica, de uma maneira notável, essa relação da síntese entre o gesto livre e a estrutura do figurativo, levando-o a ser um dos notáveis valores da pintura portuguesa.

Manuel Cargaleiro - Pintor

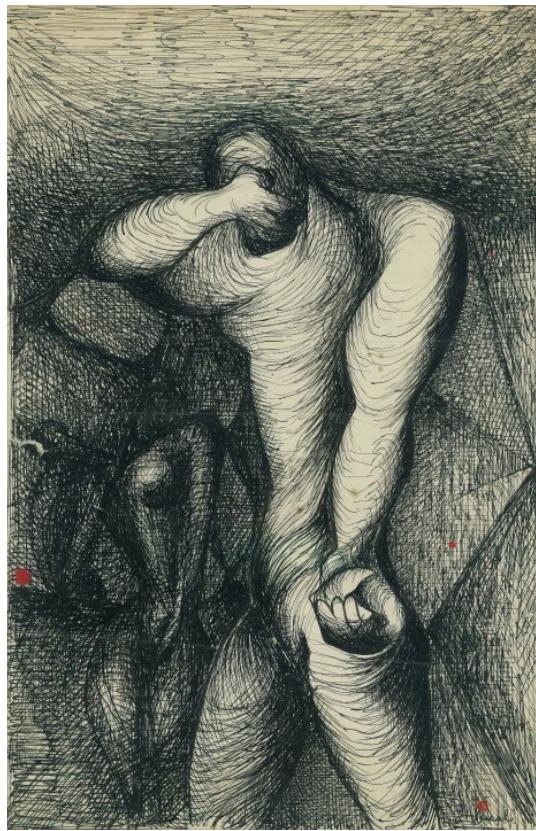




**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 17x27cm 1954 AB290



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 15x16cm 1953 AB231



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 42x30cm circa 1950 AB87



**Sem título** (estudo para fresco)

técnica mista s/ papel

**Untitled** (*study for a fresco painting*)

mixed media on paper 27x23cm

1954

AB204

*A exposição retrospectiva de Artur Bual, assinala um duplo aniversário: a Casa da Liberdade - Mário Cesarin, a comemorar 2 anos de existência no dia em que esta mostra inaugura, a 2 de Novembro, e a Perve Galeria, a cumprir 15 anos de exposições regulares em Alfama, no dia 23.*

*Artur Bual foi um dos maiores vultos da pintura portuguesa do século XX e um grande entusiasta e amigo do Colectivo Multimédia Perve - a associação que está na origem das duas instituições que acolhem esta mostra retrospectiva.*

*Fazer esta exposição em torno da sua obra é não apenas uma questão de justiça para com um dos grandes mestres das artes visuais nacionais, como um importante reconhecimento do seu legado para as futuras gerações de artistas e, mais que tudo, uma grande honra pois que se trata de um projecto expositivo longamente desejado.*

*Um agradecimento especial é devido, naturalmente, aos descendentes do artista, que tornaram possível esta mostra e é também devida a gratidão aos autores dos textos que acompanham este catálogo e o engrandecem. Desde logo ao autor do poema que se segue. Muito obrigado.*

#### **Falta por aqui uma grande razão**

Como dizia o Cesarin  
Uma verdade para qualquer estação

Falta-nos um motivo, um anseio  
um desejo fortíssimo,  
Um designio, uma visão

Falta-nos um punhal brilhantíssimo  
Para liquidar esta vida de conformismo  
De rotina sem ambição

E falta-nos uma espingarda  
Para apontar ao manto da noite  
E rasgar estrelas na escuridão

Falta-nos um visionário  
Que traga o futuro nos olhos  
E a cara pintada de carvão

E falta-nos um gato persa  
Que seja tão sábio como os sábios  
Quando sustém a respiração

Falta-nos um garfo de aço holandês  
Com embutidos de mármore  
Que diga poemas em alemão

Falta-nos um Kant, um Locke  
Um Aristóteles, um Sócrates,  
Um Newton, um Platão

Falta-nos acabar com os burocratas  
Fundar uma não igreja  
E pôr no altar a imaginação

E falta-nos uma pianista que toque  
Bach, Mozart, Chopin  
De forma perfeita com uma só mão

Falta-nos brilho, noite, lantejoulas  
E uma inesperada mulher-palhaço  
Que nos faça rir até à exaustão

E falta-nos outra vez o tempo  
Em que para se fazer negócios  
Bastava um firme aperto de mão

Falta-nos um relógio que não nos dê ordens  
Um barco que seja um jardim  
E um zeppelin que nunca pouse no chão

Falta-nos dedos para tocar o invisível  
Todas as palavras ainda por dizer  
E uma imensa coragem no coração

E falta-nos ter o peito muito aberto  
A todo o que seja talento, novidade,  
Diferença, inovação

Falta-nos fazer o exercício diário  
De andar de bicicleta num arame esticado  
Entre dois prédios em construção

Falta-nos sobreviver sem telemóveis  
Automóveis, sacos de plástico,  
Ipods, twitter e sobretudo a televisão

Falta-nos fazer muitíssimos filhos  
Mas não para garantir a segurança social  
nem os educadores do ministério da educação

Falta-nos esquecer todas as fronteiras  
Desligar alarmes, vender os barcos da marinha  
Sossegar o nosso medo da imigração

Falta-nos filosofar socraticamente  
Sobre negros, amarelos, mulatos  
E os benefícios da miscigenação

Falta-nos uma bússola, um sextante  
Um astrolábio, a rosa dos ventos  
para nos ajudar na navegação

Falta-nos esforçar-nos todos os dias  
Para chegar rapidamente à meta  
E cortá-la com o sentimento do campeão

Falta-nos discursos de jazz no parlamento  
De Coltrane, Miles Davis, Thelonius Monk  
Em vez de Governo e oposição

E falta-nos fazer algo verdadeiramente original:  
Eleger um sonho para nos governar  
Em vez de uma nova frustração

Até lá, como dizia o Cesarin  
Falta por aqui uma grande razão!

**Nicolau Santos**

# ARTUR BUAL

Nasce em Lisboa no ano de 1926 e morre na Amadora em 1999. Embora escultor e ceramista, é como pintor gestualista que a sua obra artística é mais reconhecida. Com efeito, o gestualismo principiou na pintura portuguesa em 1958 com Artur Bual e foi na obra deste pintor que atingiu, e mantém ainda, a sua mais alta expressão estética.

O que na verdade a sua pintura tendia a representar (isso o iria levar, justamente, ao gestualismo) era o próprio ato de pintar. Realizou centenas de exposições em Portugal e no estrangeiro. Está representado em diversas coleções: Palácio da Justiça de Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Museus Nacionais, Câmaras Municipais, Centro de Formação Profissional de Pegões, Governo Regional dos Açores, entre outras. Executou diversos frescos em doze capelas, no Alentejo e Ribatejo. Ganhou, entre outros, o 3º Prémio da Exposição "Um Americano em Paris" - M.G.M. em 1952, o Prémio Amadeo de Souza Cardoso em 1959, 3º Prémio do Sindicato dos Críticos de Arte, na I Bienal de Paris em 1959, 1º Prémio do II Salão de Arte Moderna, da Junta de Turismo da Costa do Sol, em 1964 e o 2º Prémio do Concurso de Pintura da BP, em 1966.

Tomou parte nos Encontros Internacionais de Arte Caldas da Rainha e na Bienal de Vila Nova de Cerveira, organizados pelo Grupo Alvarez. Com Carlos Avilez e Francisco Relógio, colaborou, como director plástico em várias cenografias levadas à cena no Teatro Experimental de Cascais e do Porto.

Foi director gráfico da revista de arte e letras "Contravento". Executou painéis-mosaico para a estação da CP da Amadora e para o Metropolitano de Lisboa. Ilustrou, entre outros, os livros "Instinto Supremo" de Ferreira de Castro, "As Alegres Noites de Um Boticário" de Miguel Barbosa e "Rencontre avec culture Portugaise" (Nov./91 - Paris). Foi referenciado, entre outros, em "Abstract Painting" - Harryn, Abrams, Inc., Publishers, New York; "Arte Moderna e Contemporânea Portuguesa - 1900 a 1979" - Dictionnaire Grolier; Portuguese 20th Century Artist - Londres; História de Arte Contemporânea por José-Augusto França.



Was born in Lisbon, 1926 and dies in Amadora, 1999. Although sculptor and ceramist, he has been recognized as one of the most important Portuguese abstract expressionist painters. Indeed, the Portuguese Gestualism began in Portugal in 1958 by the hand of Artur Bual and was the work of this painter who reached, and still maintains, its highest aesthetic expression here.

What actually his painting tended to represent (that's going to take precisely the gesturalism) was the very act of painting. Having held exhibitions in Portugal and abroad, Bual is represented in several collections: the Palace of Justice in Lisbon, Modern Art Centre of the Calouste Gulbenkian Foundation, National Museums, Municipal Councils, Professional Training Centre of Pegões, the Regional Government of Azores, among others. He has made Fresco paintings in twelve chapels in the Alentejo and Ribatejo regions. He was awarded the 3rd Prize of the exhibition "An American in Paris" - M.G.M. in 1952; National Prize Amadeo de Souza Cardoso in 1959; 3rd Prize of the Art Critic's Syndicate at the I Bienal of Paris in 1959; 1st Prize of the II Modern Art Salon of the Costa do Sol Tourism Office in 1964; 2nd Prize in the BP Painting Competition in 1966; among other important prizes.

He took part in the International Art Meetings of Caldas da Rainha and Vila Nova de Cerveira's Biennale organized by the Alvarez Group. With Carlos Avilez and Francisco Relógio, he collaborated as a Plastic Director in several sceneries used in the Cascais and Porto Experimental Theatres.

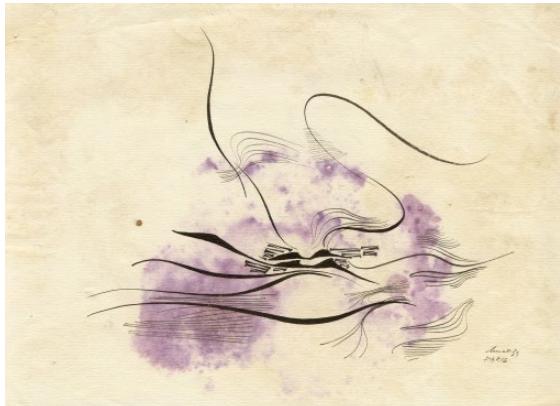
He was graphic director in the art magazine 'Contravento'. He have executed mosaic panels for the railroad station of Amadora and for Lisbon's Metro.

He illustrated the books: "Instinto Supremo" of Ferreira de Castro, "As Alegres Noites de Um Boticário" of Miguel Barbosa and "Rencontre avec Culture Portugaise" (Nov. 1991 - Paris).

His work has been referenced in many books, such as "Abstract Painting" - Harryn, Abrams, Inc., Publishers, New York; "Arte Moderna e Contemporânea Portuguesa - 1900 a 1979" - Dictionnaire Grolier; Portuguese 20th Century Artist - London; History of Contemporary Art by José-Augusto França, among others.



**Sem título** técnica mista s/ cartão **Untitled** mixed media on cardboard 21x16cm 1955 AB295



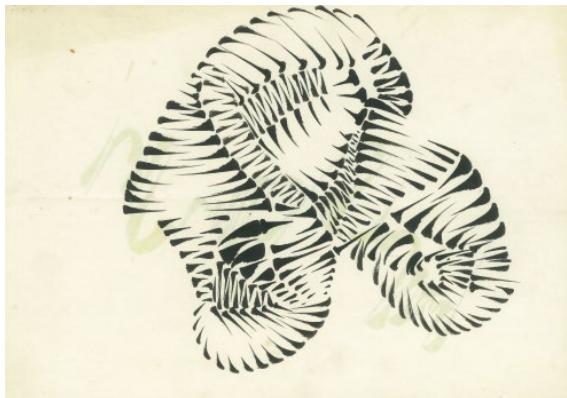
**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 17x22cm 1955 AB286



**Sem título** técnica mista s/ papel **Untitled** mixed media on paper 36x55cm 1958 AB456



**Sem título** técnica mista s/ cartão **Untitled** mixed media on cardboard 34x41cm 1960 AB059



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 21,5x31cm circa 1960 AB860



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 21,5x31cm circa 1960 AB863



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 14x20cm 1959 AB288



**Sem título**

técnica mista s/ papel

**Untitled**

mixed media on paper

62x43cm 1963

AB06



**Sem título** técnica mista s/ papel **Untitled** mixed media  
on paper 13x10cm circa 1950 AB216



**Sem título** técnica mista s/ papel **Untitled** mixed media  
on paper 24x17,5cm circa 1950 AB241



**Sem título** técnica mista s/ papel **Untitled** mixed media  
on paper 37x19cm 1956 AB371



**Auto-retrato**  
Óleo sobre tela  
**Self-portrait**  
Oil on canvas  
73x60cm 1963  
AB014

## A emotividade dilacerante da pintura

Nascido em 1926 em Lisboa, Artur Bual cedo se revelou um dos artistas mais dotados da sua geração, considerado um pioneiro da pintura gestual em Portugal, desde o início dos anos cinquenta. Efectivamente, Artur Bual foi um dos primeiros pintores gestuais abstractos portugueses, que participaram no 1º Salão de Arte Abstracta, em 1954 organizado pelo historiador e crítico de arte José-Augusto França, na Galeria de Março, em Lisboa. Foi distinguido pelo Sindicato dos Críticos de Arte de França, na 1ª Bienal de Paris em 1959, onde o (então jovem) artista mereceu as seguintes palavras elogiosas de André Malraux:

*"La peinture de ce jeune portugais (Bual) contient la clarté et l'émotion du silence eloquant de la poésie".*

Foi Prémio Nacional de Pintura Amadeo de Souza Cardoso, em 1959. Acontece que, para ele, a pintura não era coisa fácil, mas algo que o mantinha permanentemente inquieto e, nessa perspectiva, o artista não tinha receio de assumir os aspectos mais contraditórios de uma arte de expressão directa, aparentemente caótica, que tentava resolver, quantas vezes com mestria, em termos eminentemente plásticos.

Ao longo de cerca de 50 anos de pintura, o seu gestualismo de vocação expressionista sempre se debateu entre a abstracção e a figuração, na apropriação de um espaço cenográfico, onde se inscreve o ritmo convulso do gesto do pintor.

A sua paleta não abdica do claro-escuro do cromatismo tonal, que sugere profundidade e luminosidade, ao associar o negro a

uma gama de tons sombrios de cinzentos e castanhos, de cuja densa obscuridade irrompem, por vezes, súbitos clarões de brancos, vermelhos sanguíneos, amarelos pálidos e azuis claros.

Curiosamente, é no princípio e, mais deliberadamente no fim da sua carreira, que melhor se afirma a sua pintura gestual abstracta, expansiva e informal, onde sobressai o ritmo sincopado de pinceladas sobrepostas que, numa agitação frenética, aceita os escorridos e os salpicos de tinta, na expressão directa e total do gesto. Ao fazê-lo cria uma linguagem espontânea que, pela sua carga emotiva, exasperação dramática e forte conteúdo humano, se abeira do expressionismo abstracto.

Oscilante entre o telúrico, o orgânico e o cósmico, o informalismo matérico de Bual converge, nos anos 50, com o dos espanhóis seus contemporâneos: Viliacasas, Tarrats, Pijuan, Viola, Feito, Miliares e Tapies. Na mesma complicidade contra a desoladora realidade social, marcada pela guerra, os seus trapos colados sobre tela exprimem essa memória trágica.

No caso de Bual, também transparece a memória sinistra do negro e do vermelho sanguíneo (cor de sangue de boi) de uma infância complexa, vivida em Torres Novas.

O expressionismo abstracto, que se vinha anunciando desde os anos 50, atinge ampla e significativa dimensão nos anos 90, nomeadamente nas últimas telas, executadas em 1998, no ano que antecedeu a morte do pintor, em Janeiro de 1999. Essas últimas telas são o testemunho gritante de uma existência atormentada, sedenta de infinito.



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 19x13cm circa 1950 AB07

Numa Visão retrospectiva, a figuração e a abstracção alternam e, frequentemente, se confundem, na obra de Artur Bual.

É nos retratos de conhecidos Escritores Portugueses, como Bocage, Camilo Castelo Branco, Aquilino Ribeiro (1963), Antero de Quental (1983), Fernando Pessoa (1988), José Gomes Ferreira (1988), Florbela Espanca (1996), Natália Correia e Sofia de Mello Breyner, entre outros, que o talento do pintor vai ao encontro do gesto dominante.

Na descendência de Columbano e outros Mestres Naturalistas Portugueses que admira, Artur Bual tenta conciliar a concepção tradicional do retrato em claro-escuro com o seu gestualismo impulsivo, conseguindo uma vigorosa expressão dramática. Por vezes, o rosto humano se transfigura em máscara fantasmagórica, designadamente nos retratos imaginários dos poetas: Teixeira de Pascoaes (1987), Camões (1990) e Mário Cesariny (1990). Nestas e noutras máscaras dilaceradas pela dor e tragédia, perpassa alguma evocação goyesca, na sua fase negra.

De temperamento expressionista, o gesto do pintor tende a romper com esquemas de representação convencional, quer nas cabeças de "Cristo", quer nas "Crucificações", que sintetizam a paixão e a angústia existencial do homem contemporâneo.

Sobre a tela branca, colocada verticalmente no cavalete, o gesto largo e decidido do pintor traça a pincel e tinta negra o esquema figurativo de uma "Crucificação", integrada na estrutura geral da composição. Ao contraste negro-branco inicial, acrescenta-lhe o vermelho sanguíneo, o azul, o ocre e uma gama de cintenzos. O espaço cenográfico enquadrá-se no rectângulo vertical da tela. O modelo interiorizado é um referente que o pintor trabalha obstinadamente.

Enquanto pinta, o pintor remete-se ao silêncio, inteiramente absorvido pelo acto de pintar. Na ânsia

de preencher totalmente o suporte, largas manchas de cor tonal alastram e alteram parcialmente o esquema figurativo inicial, que o pintor posteriormente recupera e realça com negros e brancos.

Vivendo por dentro a imagem que emerge da aparente confusão de pinceladas sobrepostas, Bual não perde nunca a percepção global da pintura. Sublinhe-se a sinceridade e a convicção com que o pintor ataca a tela, onde se projecta totalmente. O desenho revela a gramática formal do artista, desde a figuração estilizada e distorcida até à abstracção caligráfica.

Na representação esquemática do nú feminino, em atitude de pose erótico-sensual, há algo de irreverente e provocatório. Noutras obras, a relação com o corpo humano está na origem de um biomorfismo orgânico, abstractizante. O antropomorfismo é, aliás, uma constante na obra de Artur Bual, mesmo quando reduzido a apontamentos sintéticos ou elementares sinais gráficos.

No traçado gestual de cavalos em movimento, a figura tende a reduzir-se a uma ágil caligrafia. Muitos dos seus desenhos e algumas pinturas abstractas mais depuradas evidenciam o sentido caligráfico de uma linguagem, que começa por se exercer em função da nudez branca do suporte, antes de ser o preenchimento total da superfície.

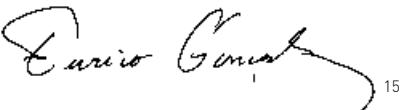
Em Portugal, nomeadamente desde o 25 de Abril de 1974, Dia da Liberdade, Artur Bual pintou ao vivo telas de grandes dimensões, nos Encontros Internacionais de Arte, nas Bienais de Cerveira e em outros locais públicos. Quer aí, quer no seu atelier-cave, na Amadora, aberto sempre ao convívio de amigos e admiradores, muitos tiveram o privilégio de ver como o pintor se dava de corpo e alma à articulação do seu gesto estrutural, que se apodera do espaço, sem deixar de sentir o elan vital de toda a composição.

Jamais desvinculada da emoção que a motiva, a sua pintura, tão incômoda quanto profundamente inquieta e ávida de mil sensações, não abdica da dimensão humana, pelo que se torna dramática, exasperante e, ao mesmo tempo, sensual e fraterna. Ao assumir o seu ofício de pintor como um ritual de todos os dias, o artista pintava quase incessantemente. Pintor por instinto, Artur Bual atinge a maturidade do seu próprio estilo, consequentemente de uma longa e persistente prática.

Pela profundidade humana intríseca que exprime, a sua pintura não nos deixa indiferentes, antes nos torna cúmplices do drama em que se envolve e nos envolve, através da problemática estética que suscita. Em algumas obras mais audaciosas e menos conhecidas, a pintura integra a colagem de materiais pobres, formando relevos, que exaltam a aspereza da matéria e a violência agressiva da mancha. Sobre não importa qual suporte (tela, madeira, cartão, papel), tudo lhe serve de pretexto para intervir com a sua marca pessoal.

A pintura de Bual não se cinge à mera explosão catártica do instinto, é muito mais que isso, persiste em algo que a transcende. Ao absorver a complexidade do drama humano, há uma angústia latente em tudo o que projecta no papel ou na tela em plena concordância com a própria vida.

**Eurico Gonçalves** - Pintor e Crítico de Arte



15



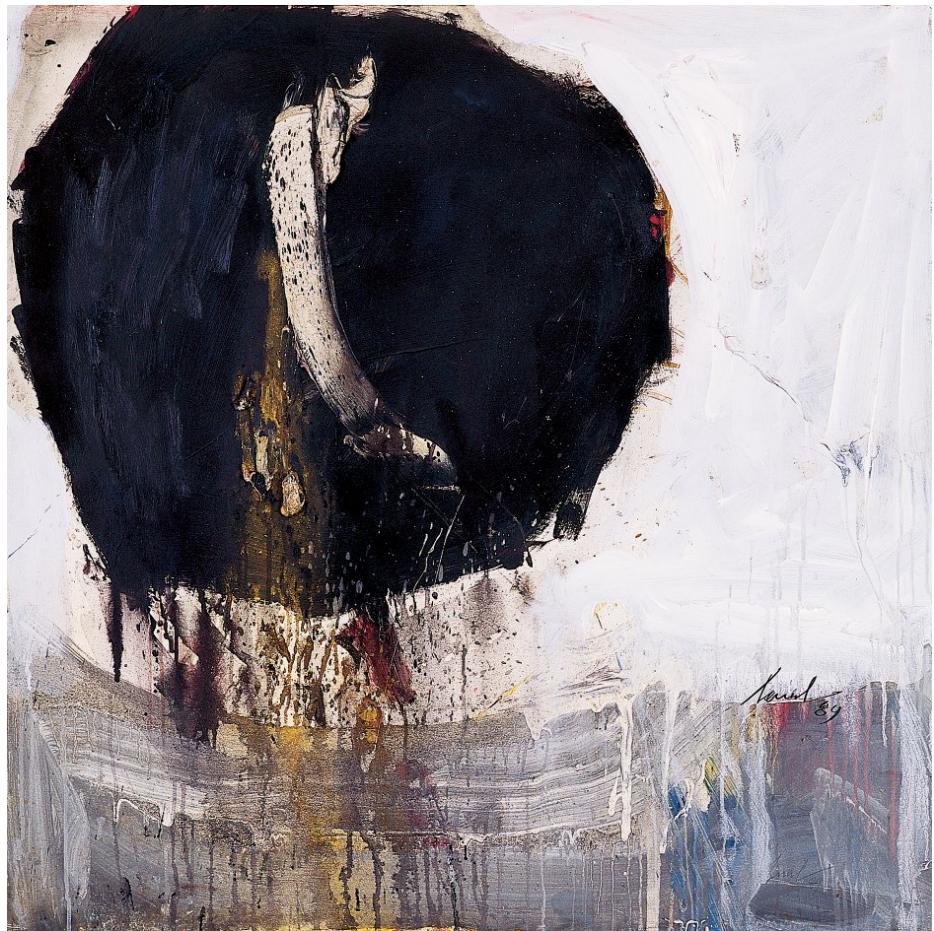
**Sem título** técnica mista s/ papel **Untitled** mixed media on paper 23x17cm 1951 AB293



**Sem título** gravura **Untitled** etching 56x38cm 1968 AB445



**Sem título** técnica mista s/ papel **Untitled** mixed media on paper 61x43cm 1960 AB460



**Sem título**

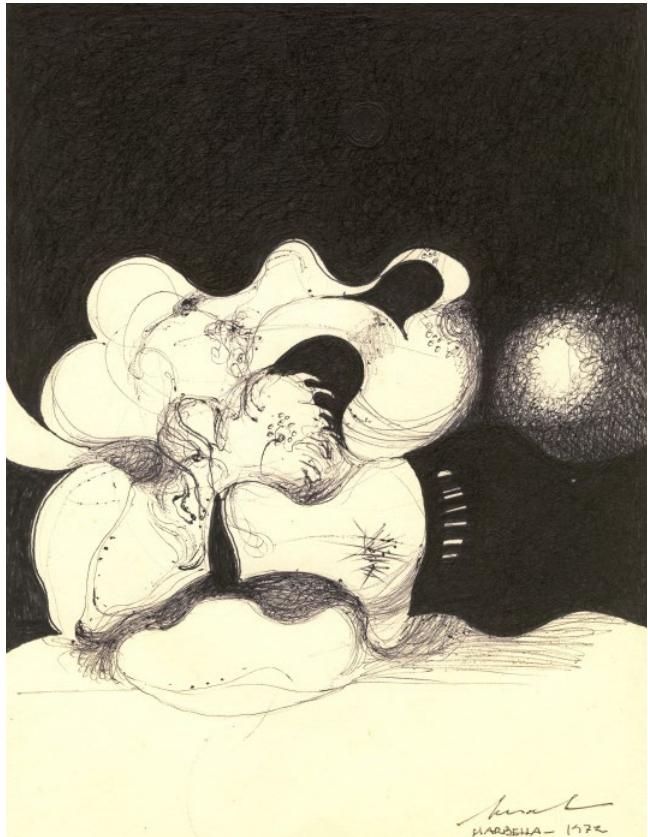
Acrílica sobre tela

**Untitled**

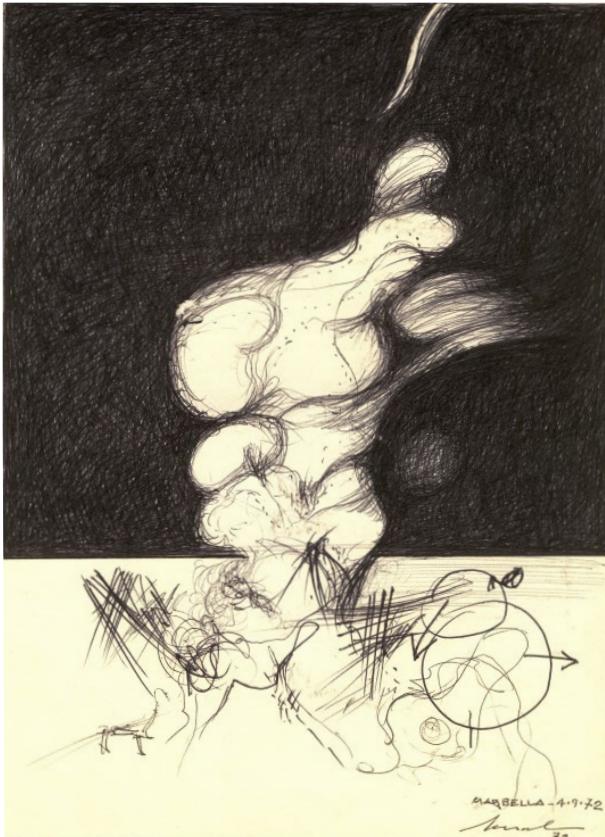
Acrylic on canvas

100x100cm 1989

AB1078



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 29x23cm 1972  
AB346



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 29x23cm 1972  
AB334



**Sem título**

Oleo sobre plátex

**Untitled**

*Oil on wooden board*

71x50cm 1981

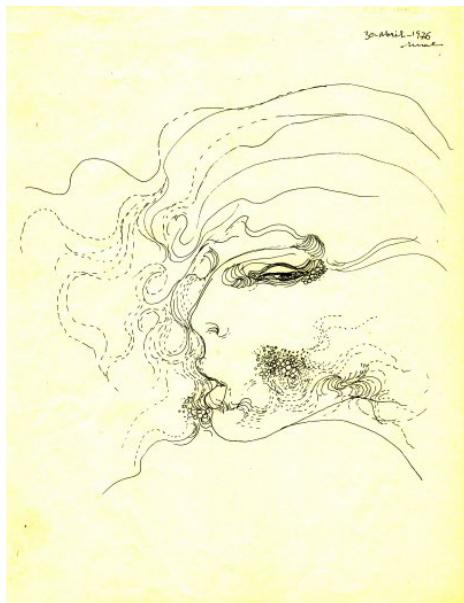
AB09



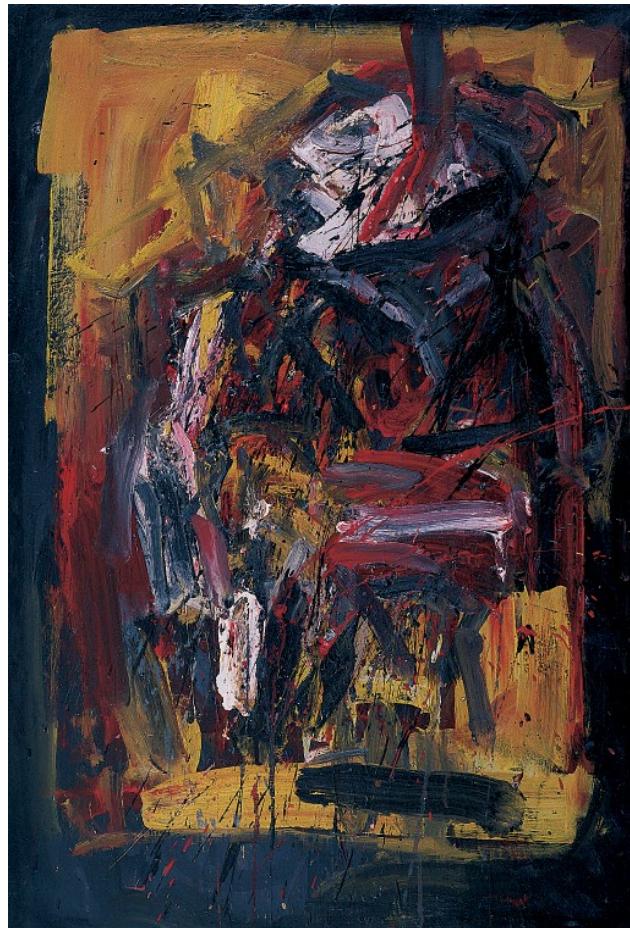
**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 30x21cm 1976 AB320



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 30x23cm 1972 AB297



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 30x21cm 1976 AB321



**Sem título**

Acrílica sobre tela

***Untitled***

*Acrylic on canvas*

94x64cm circa 1980

AB1082

Certo dia, seria um como este, outonal a predizer inverno, deparei-me por breves segundos com uma cara, expressão de força e vitalidade, colocada num cartaz, em tom sépia, que jamais esqueci e me mudou a vida, fazendo-me estar aqui, agora, fazendo o que faço, na tentativa (perene) de construir o sonho feito arte.

Tudo haveria sido diferente acaso há vinte e alguns anos não o tivesse visto, não me detivesse nele nesse curto instante ou, simplesmente, se ele não estivesse ali, daquela forma, apelando(-me).

Desconheço se será comum suceder isto a outrem, um tipo de impacto violento com coisas aparentemente banais que têm capacidade de mudar radicalmente o percurso que restar na vida de quem delas se acerca.

Comigo foi assim, não apenas nesta circunstância específica: tem sido sempre assim. Não posso dizer, com verdade, se o resultado será bom ou mau, tampouco saber se melhor ou pior do que poderia haver sido a minha vida sem esses nanosegundos transformadores. Nós não sabemos. Guiamo-nos sem bússola neste mar ou deserto que temos por vida e tentamos, devemos tentar, descortinar qual o melhor caminho a seguir mas, com efeito, nada sabemos do destino para o qual vamos inexoravelmente caminhando.

Contudo, gosto de me convencer que tudo se está fazendo harmoniosamente pacificador, tudo se organizando metodologicamente neste macro-caos universal em que calhamos haver nascido. Uma paz serena na felicidade dos dias correndo ao sabor das águas de um rio profundamente belo, como aspiração derradeira dos seres e que para aí nos conduzimos, ainda que não o saibamos. Tudo se rarefazendo noutra coisa e se comprovando no inexplicável dos acontecimentos súbitos da vida. No que nos vai sucedendo e transformando, a inteligência própria das coisas, dentro das coisas que também somos, a laborar...

Este pensamento não obsta a um outro: acredito no livre-arbítrio responsabilizante dos actos de cada um consigo mesmo e com os demais. Postulo-o, até, mas considero igualmente que sempre haverá nisso circunstâncias e especificidades de cada momento, que colaboram, articulam, os dois efeitos cinéticos da matéria que somos. Os opostos unindo-se, tocando-se. O cimo e o baixo sendo iguais, como dizia Cesariny, para que se dê a magia de uma só coisa. Ou como na Conicidental Oppitorum, de Nicolau de Cusa, onde os caminhos opostos se tocam no infinito. É, por assim dizer, essa a responsabilidade da escolha entre o que vemos e o que queremos ver, ante o que cruzamos e o que queremos seguir. Estará tudo lá, mais adiante, em qualquer dos caminhos que nos dignemos percorrer, aguardando-nos. Passaremos, sim, ainda que na mais calida quietude, como se de um vaso chinês, de que fala Thomas Moore na sua versão da noite escura da alma, se tratasse. Porque o movimento é sempre e só um, linear. Do princípio, para o fim inexorável. Poderemos regressar, como pretendem os magníficos monges das estepes altas mas, com efeito, não sabemos do antes nem do depois. Somos sempre e só, o aqui e agora. Mas escolheremos, sim, o caminho a seguir - pelo menos quero assim crer.



**Sem título**

7 desenhos, tinta-da-china s/ papel  
**Untitled**  
7 drawings, China ink on paper  
22x15cm 1986

AB248, AB260, AB261, AB262,  
AB263, AB264, AB269



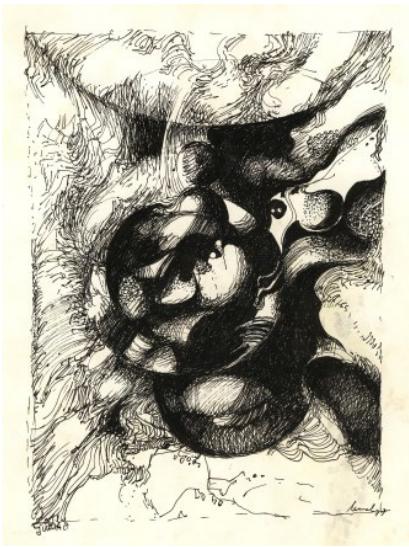
E foi dessa forma, já munido deste pensar (ainda que de forma não qualificada), que as coisas se foram passando comigo. Até hoje. Mas há momentos cuja magnificência supera as possibilidades, os anacronismos inventados em quaisquer obras de ficção. Assim foi, nessa tarde em que seguia de carro. Peugeot 107 acastanhado que já não faz parte deste mundo animado. Com companhia em muita fim de ciclo ao lado (não recordo se em crise, embora tema que sim). Naquele cruzamento físico, com semáforo intermitente, se fez magia pura e alquimia de vida. Vi esse placard, fugazmente. Algo nele se sobrepôs ao momento. Interpelou-me. Fez-me dizer para a companheira: podíamos ir ali espreitar, será aqui ao lado, estará ainda aberto. Estava.

A Fábrica da Cultura, na Amadora, no início da década de 1990, mostrando-se numa dimensão algo cósmica, nada usual. Labirintos erguendo-se translúcidos. Obras de arte mergulhando sobre quem adentrava no espaço. Uma presença etérea de génio em cada centímetro do lugar. Arrebatador e Intenso. Momento que não esqueci e ainda hoje me percorre um soprado calafrio de espanto, ao recordá-lo. Sai dali transido. Queria conhecer o autor daquele fenomenal espectáculo visceral. Como que tudo se organizando e regendo por forças misteriosas, magnificentes, encontrei, à saída, um dos poucos pintores que conhecia na época, Victor Pi, que não via há anos. De repente, ei-lo ali, pronto a dar-me o contacto que avidamente lhe solicitava.

Devo dizer (nada de que possa orgulhar-me), apenas por dever de memória, que a arte portuguesa, até então e com excepção de quatro ou cinco nomes, pouco me interessava. Assim como não prestava atenção às exposições que se iam organizando fora dos museus, nacionais e, especialmente, internacionais que ia frequentando, a espaços, confesso. Por ignorância que hoje reconheço, não me entusiasmavam as artes visuais nacionais. Sentia uma espécie de déjà-vu, no que me aparecia ao caminho.

Pois, nesse dia, tudo (me) mudou. O seu obreiro tinha um nome. Terá sempre esse nome primordial enquanto eu durar e mais além de mim, por certo. É ele o responsável por este caminho que abracei e, com esta homenagem em forma de exposição, quero assinalar o facto de completarmos, na Perve Galeria, 15 anos de vida (e 2 anos, na Casa da Liberdade - Mário Cesary). Ele já não estava cá, fisicamente, quando abrimos portas a 23 de Novembro do ano 2000 mas a sua presença e responsabilidade por este caminho que empreendemos é total. Por isso, a minha alegria em puder encerrar este ciclo redondo de 15 anos com uma mostra há tanto tempo ansiada. Sei que os ciclos não se repetem. Talvez a este não suceda um outro. Não sabemos. Não podemos saber. Apenas sinto, fundamentalmente em mim, que, passe o que tiver de suceder, haverá esse nome que reterei e que me orgulharei sempre de haver tido por amigo, mestre, genial exemplo de perseverança e amor: Bual.

**Carlos Cabral Nunes** - Curador da exposição



**Óvulo 1** tinta-da-china s/ papel **Ovum 1** China ink on paper 29x20cm 1975 AB398



**Sem título** tinta-da-china s/ papel **Untitled** China ink on paper 30x23cm 1972 AB278



**Nascente** tinta-da-china s/ papel **Source** China ink on paper 29x20cm 1975 AB400



**Sem título**

técnica mista sobre tela

**Untitled**

mixed media on canvas

81x60cm 1992

AB47



**Sem título** Acrílica sobre tela **Untitled** *Acrylic on canvas* 100x70cm circa 1980  
AB43



**Sem título** Acrílica sobre tela **Untitled** *Acrylic on canvas* 97x64cm circa 1980  
AB44



**Sem título**

Acrílica sobre tela

***Untitled***

*Acrylic on canvas*

97x64cm circa 1980

AB45



**Retrato imaginário de Camões**  
Acrílico sobre tela  
**Imaginary portrait of Camões**  
Acrylic on canvas  
150x100cm 1990  
AB1080



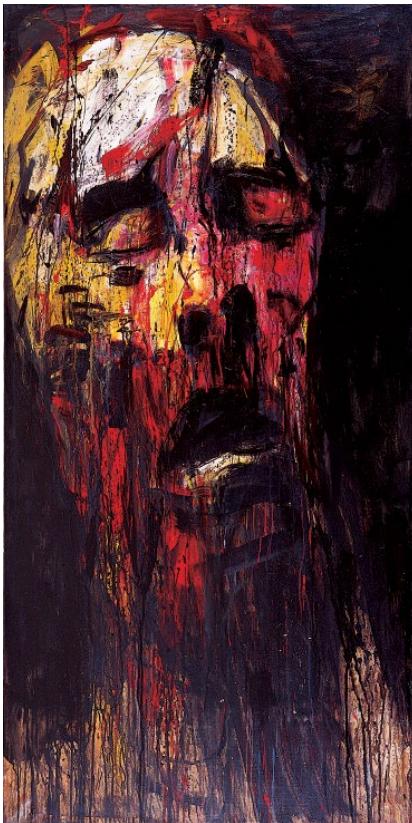
**Retrato imaginário de Pascoaes**

Acrílica sobre tela  
*Imaginary portrait of Pascoaes*

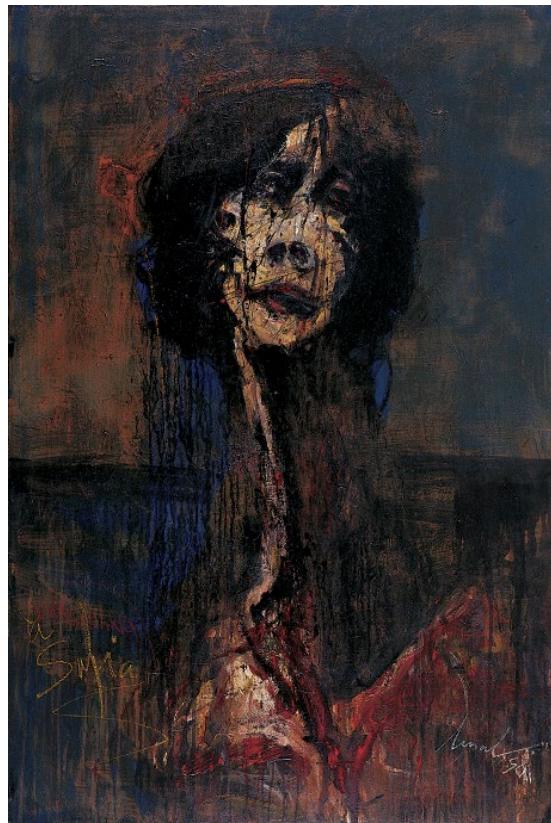
Acrylic on canvas

190x110cm 1990

AB1084



**Sem título** técnica mista sobre tela **Untitled** mixed media on canvas 200x100cm circa 1990 AB1083



**À Sofia** (de Mello Breyner) Acrílico sobre tela **To Sofia** (de Mello Breyner)  
Acrylic on canvas 150x100cm 1990 AB1081



**Silêncio**

Acrílica sobre tela

**Silence**

Acrylic on canvas

150x100cm 1989

AB1079



**Sem título** Acrílica sobre tela **Untitled** *Acrylic on canvas* 81x60cm circa 1990  
AB48



**Sem título** Acrílica sobre tela **Untitled** *Acrylic on canvas* 100x73cm 1991  
AB42



**Sem título**

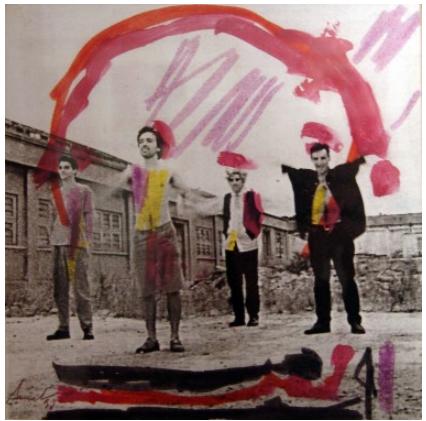
Acrílica sobre tela

**Untitled**

Acrylic on canvas

125x86cm 1987

AB41



### Sem título

5 pinturas sobre fotocópias para integração em livreto de CD de música do grupo Perve, edição Movieplay, técnica mista sobre papel

### Untitled

5 paintings on photocopies for a music CD booklet of Perve group, published by Movieplay,  
mixed media on paper  
10x10cm 1994  
AB15





**Sem título**

Acrílica sobre tela

**Untitled**

Acrylic on canvas

120x120cm circa 1990

AB39

**LISTA ABREVIADA DE EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS E COLECTIVAS**  
**INDIVIDUAL AND COLLECTIVE EXHIBITIONS SHORTLIST**



**Sem título** Acrílica sobre tela **Untitled** Acrylic on canvas 160x160cm  
 circa 1990

- 1952 - Galeria do S.N.I. - Exposição de Pintura "Um Americano em Paris" - Lisboa
- 1954 - Galeria de Março - I Salão de Arte Abstracta - Lisboa
- 1956 - Galeria Pórtico - 17 Artistas Contemporâneos - Lisboa
- 1957 - Convento dos Capuchos - II Exposição de Artes Plásticas - Almada
- 1957 - Sociedade Nacional de Belas Artes - I Salão de Artes Plásticas - Lisboa
- 1958 - Fac. Ciências - Pintura não Figurativa em Portugal - Lisboa
- 1958 - Sociedade Nacional de Belas Artes - I Salão de Arte Moderna - Lisboa
- 1958 - Junta Turismo, Costa do Sol - III Salão de Pintura e Escultura - Estoril
- 1959 - I Bienal de Paris - França
- 1959 - Museu de Arte Moderna - V Bienal de S. Paulo - Brasil
- 1959 - Galeria do S.N.I. - II Salão dos Novíssimos - Lisboa
- 1959 - Galerie Charpentier - École de Paris - Paris - França
- 1959 - Museu de S. Francisco - Arte Moderna - S. Francisco, Califórnia - U.S.A.
- 1959 - Bienal Internacional Bianco e Nero - Lugano - Itália
- 1960 - Museu Municipal de Amarante
- 1961 - Museu de Arte Moderna - VI Bienal de S. Paulo - Brasil
- 1962 - Exposição Itinerante, Coleção Fundação Calouste Gulbenkian - Açores
- 1962 - Galeria Alvarez - Exposição Itinerante de Arte Moderna - Porto
- 1963 - Biblioteca-Museu de Amarante - Artur Bual e Fausto Boavida
- 1963 - Sociedade Nacional de Belas Artes - 59º Salão da Primavera - Lisboa
- 1964 - Junta de Turismo da Costa do Sol - II Salão de Arte Moderna - Estoril
- 1964 - Sociedade Nacional de Belas Artes - Lisboa
- 1965 - Galeria do S.N.I. - Artistas Premiados, Salões dos Novíssimos - Lisboa
- 1965 - Museu de Arte Moderna - VIII Bienal de S. Paulo - Brasil
- 1966 - I Concurso Nacional de Pintura da BP - Lisboa
- 1966 - Galeria de Arte do Diário de Notícias - Lisboa
- 1966 - Galeria de Arte de Schiedam - Roterdão - Holanda
- 1967 - Palácio Bettencourt, Ilha Terceira, Açores
- 1967 - Fund. C. Gulbenkian - 60 Anos de Arte Portuguesa, Bruxelas, Bélgica
- 1968 - 5 Pintores Portugueses - Sala Stª Catalina del Ateneo, Madrid, Espanha
- 1969 - Museu de Arte Moderna - 11 Artistas Portugueses, Rio de Janeiro, Brasil
- 1969 - Palácio Foz - 5 Artistas Portugueses - Lisboa
- 1969 - II Bienal Internacional del Deporte en las Bellas Artes - Madrid, Espanha
- 1969 - Museu de Arte Moderna de Belo Horizonte - I Exposição Circulante, Brasil
- 1971 - Galeria de Arte da Secretaria de Turismo e Fomento de S. Paulo, Brasil
- 1974 - Galeria S. Francisco - Diálogo 74 - Exposição colectiva, Lisboa
- 1975 - Palácio Foz - Exposição 100 obras do Património do M.C.S., Lisboa

*Resum*

- 1977 - IV Encontros Internacionais de Arte, Caldas da Rainha  
1978 - I Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira  
1980 - II Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira  
1981 - Galeria Tempo - Diálogo Corporal - Grupo Alvarez, Lisboa  
1981 - Galeria Neupergana - 15 Pintores, Grupo Alvarez, Torres Novas  
1982 - M. Nacional de Arte Moderna - I Exposição Nacional, Porto  
1983 - Galeria S. Francisco - Exposição Originais Portugueses, Lisboa  
1983 - Museu de Setúbal - Da Arte à Escola / Da Escola à Arte  
1983 - Museu Municipal Ármino Teixeira Lopes - Mirandela  
1984 - Galerie la Maison Portugaise - Artur Bual e Miguel Barbosa - Marselha, França  
1985 - Galeria Almada Negreiros - M. da Cultura - Homenagem dos Artistas Portugueses a Almada Negreiros - Lisboa  
1988 - Galeria de Arte do Casino Estoril - Fernando Namora 50 anos de vida literária - Estoril  
1988 - Biblioteca Nacional de Praga - Exposição de Pintura Portuguesa - Praga, Checoslováquia  
1990 - Exposição no Ayuntamiento de Cordoba - Espanha  
1991 - Exposição na Galeria Magellan - Paris, França  
1991 - Galeria de Arte, Casino Estoril - XII Salão de Outono - Estoril  
1992 - Exposição no Leal Senado em Macau, Integrado nas comemorações do dia de Portugal e das Comunidades - Macau  
1992 - VII Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira  
1993 - Galeria S. Francisco - Lisboa  
1993 - II Simpósio Internacional de Escultura em Ferro, Amadora  
1994 - Fábrica da Cultura - Retrospectiva de Artur Bual - Amadora  
1995 - Museu Municipal Dr. Santos Rocha - Figueira da Foz  
1996 - Cordoaria Nacional - I Salão de Prestígio - THE BEST - Lisboa  
1996 - Exposition "Le rêve et L'exotisme - Culture Brésiliens et Portugal - Avignon, França  
1997 - Galeria MAC - Arte Gráfica de Bual - Lisboa  
1999 - Galeria Municipal Artur Bual - "Sopros de Ser" - Amadora



**Sem título** Acrílica sobre tela **Untitled** Acrylic on canvas 80x60cm circa 1990

## **Arte Pública**

1 e 2 - Estação de comboios da Amadora

3 - Monumento "Homenagem à agricultura", 900x220x200cm, Pegões, 1967

## **Public Art**

1 and 2 - Trainstation in Amadora

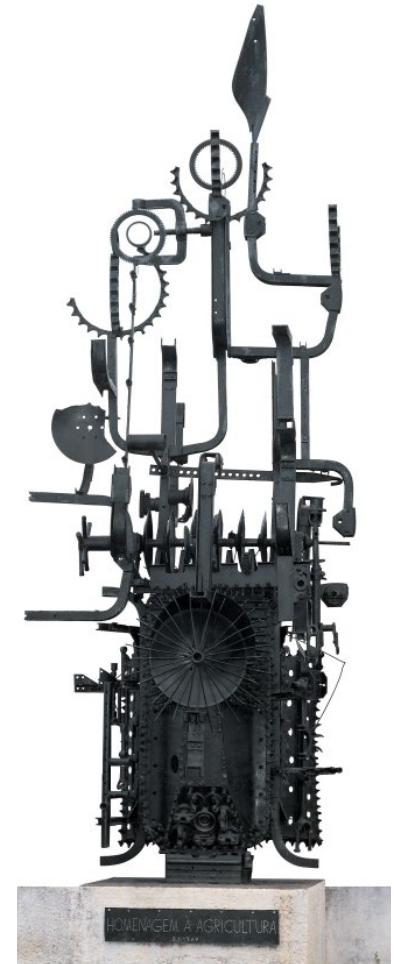
3 - Monument "Hommage to agriculture", 900x220x200cm, Pegões, 1967



1



2



3



**Sem título (a Cesariny)**

Acrílica sobre tela

***Untitled (to Cesariny)***

*Acrylic on canvas*

140x90cm 1987

AB40

# ARTUR BUAL

exposição retrospectiva

conceito e curadoria  
concept & curator

Carlos Cabral Nunes

direcção executiva  
management  
Nuno Espinho

produção e comunicação  
production & communication  
Graça Rodrigues

design gráfico - graphic design  
Carlos Santos & Carlos Cabral Nunes

produção - production  
Colectivo Multimédia Perve

agradecimentos - thanks to  
Maria João Bual e Manuel Salvado

impressão - print & Copyright  
Perve Global, Lda

organização - organized by  
Casa da Liberdade - Mário Cesarin  
Perve Galeria



Perve  
Galeria



Alfama



Perve Galeria &  
Casa da Liberdade

Mário Cesarin

Rua das Escolas Gerais 13-19  
1100-218 Lisboa

[www.pervegaleria.eu](http://www.pervegaleria.eu)

Horário: 2ª a sábado das 14h às 20h  
galeria@pervegaleria.eu  
tel. 218822607/8 | tm. 912521450

**Transportes:** Metropolitano de Santa Apolónia [Linha Azul] e  
Eléctrico 28 **Estacionamento gratuito:** Largo da Igreja de S. Vicente  
de Fora e Largo da Feira da Ladra [excepto 3ª feira e Sábado]

CT-47 | Novembro de 2015

Edição ©® Perve Global – Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste  
catálogo, sem autorização expressa do editor.

Apóios

